

Variação *nós/a gente* no sertão alagoano: restrição e avaliação

Variation nós / a gente in the backwoods alagoano: restriction and evaluation

Jailma Gonçalves Feitosa*
Universidade Federal de Alagoas
Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória**
Universidade Federal de Alagoas
Delmiro Gouveia, Alagoas, Brasil

Resumo: Tendo em vista que a língua é caracterizada por uma heterogeneidade ordenada e que as formas linguísticas variantes comportam, além de significados referenciais, significados sociais, analisamos a variação *nós* e *a gente* na função sintática de sujeito no sertão alagoano, tomando por base os problemas de restrição e avaliação linguísticas. Para tanto, recorremos ao aporte teórico-metodológico da Teoria da Variação Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e ao banco de dados do Projeto Lusa. Nossos resultados não só mostram que *a gente* é a variante preferida, com a variação *nós/a gente* na função sintática de sujeito sendo condicionada pelas variáveis marca morfêmica, paralelismo formal e escolaridade, como também que não há estigma para o uso da variante inovadora na comunidade em estudo, com a forma *a gente* apresentando uma avaliação neutra.

Palavras-chave: *Nós/a gente*. Posição de sujeito. Restrição. Avaliação.

Abstract: Considering that the language is characterized by ordered heterogeneity and that the variant forms have, in addition to referential meanings, social meanings, we analyze a variation *nós* and *a gente* in the syntactic subject in the alagoano backwoods, based on the problems of linguistic restriction and evaluation. For that, we used the theoretical-methodological contribution of the Theory of Linguistic Variation (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968, LABOV, 1972) and to the database of the Lusa Project. Our results not only show that *a gente* is the preferred variant, with the variation *nós/a gente* in the syntactic function of subject being conditioned by variables morpheme, formal parallelism and schooling, as well as that there is no stigma for the use of the innovative variant in the study community, with the form *a gente* presenting a neutral evaluation.

Keywords: *Nós/a gente*. Subject position. Restriction. Evaluation.

1 INTRODUÇÃO

Advinda da forma nominal *gente*, que, após passar por um processo de gramaticalização (cf. OMENA, 1996, 2003; LOPES, 2002, 2004), perdeu os traços formais de número e gênero [+ feminino] e ganhou o traço [+ pessoa], a forma *a gente* implementou-se no quadro pronominal do português brasileiro entre os séculos XVII e XVIII. Encaixada no sistema linguístico do português brasileiro, *a gente* não só tem

* Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão. E-mail: jailmaprivado@hotmail.com

** Doutora em Linguística e professora da Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

ocupado o espaço de *nós* para a referência à primeira pessoa do plural (doravante 1PP) na função sintática de sujeito, como também começa a se implementar nos contextos sintáticos de complementação e adjunção.

Na posição de sujeito, conforme pontuam Vianna e Lopes (2015), *a gente* é a variante preferida nas variedades brasileiras analisadas, com a variação *nós* e *a gente* sendo condicionada pelas variáveis paralelismo formal e discursivo, tempo verbal, determinação do referente, saliência fônica, preenchimento do sujeito, faixa etária, sexo/gênero e escolaridade, com o pronome inovador sendo mais frequente nos seguintes contextos: antecedido por *a gente*, formas verbais menos marcadas, referente indeterminado, menor diferença fônica entre as formas verbais, sujeito preenchido, falantes femininos, menos escolarizados e mais jovens.

Outro ponto em relação ao uso de *nós* e *a gente* diz respeito ao seu valor social. Freitag (2016) pontua que dados de percepção não coadunam com dados de produção, pois os falantes usam mais *a gente*, mas acreditam usar mais *nós*, revelando que a alternância *nós* e *a gente* em relação simétrica de concordância verbal caracteriza-se como um marcador linguístico. Vitório (2017) também mostra que a variação *nós* e *a gente* comporta-se como um traço linguístico do tipo marcador, uma vez que os falantes não só acreditam usar mais o pronome *nós* como também acham melhor o seu uso, principalmente em situação formal.

Tendo em vista que há áreas em que a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito foi amplamente investigada, mas há outras em que essa variação carece de descrição sistemática, como é o caso das regiões Norte e Nordeste, o que implica considerar, levando em consideração as dimensões continentais do país, que qualquer generalização sobre a realização dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro deve ser tomada em termos relativos, conforme pontuam Vianna e Lopes (2015), focalizamos a variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito no sertão alagoano, tomando por base os problemas de restrição e avaliação linguísticas¹.

Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o objetivo de responder às questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na posição de sujeito na comunidade de fala em estudo e quais os grupos de fatores que condicionam tal variação? Como essas variantes são percebidas pelos falantes? Nossa hipótese é que *a gente* é a variante preferida, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, preenchimento do sujeito, determinação do referente, tempo verbal, saliência fônica, escolaridade, faixa etária e sexo/gênero, com essa variação sendo caracterizada como um marcador linguístico (LABOV, 1972)².

¹ Esta pesquisa faz parte do projeto A Língua Usada no Sertão Alagoano, que atendendo às diretrizes norteadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, normatizada e regulamentada no Brasil pela Resolução 510/16, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas, recebendo certificado de atendimento às diretrizes éticas da pesquisa, sob o número do parecer 1.073.208.

² Nesta pesquisa, consideramos apenas as normas subjetivas dos falantes do sertão alagoano referentes à realização de *nós* e *a gente* com concordância verbal simétrica, como *nós* + 1PP e *a gente* + 3PS. Para as normas subjetivas em que *nós* e *a gente* ocorrem em relação de concordância assimétrica, como *nós* + 3PS e *a gente* + 1PP, ver Vitório (a sair).

A fim de cumprir os propósitos enunciados, estruturamos nosso artigo da seguinte forma: além desta primeira seção introdutória; traçamos, na seção “Aporte teórico-metodológico”, alguns aspectos concernentes aos pressupostos teóricos e descrevemos a metodologia desenvolvida para a realização desta pesquisa; analisamos e discutimos, nas seções “Variação *nós/a gente* e o problema de restrição” e “Variação *nós/a gente* e o problema de avaliação”, os resultados obtidos, focalizando, respectivamente, os fatores condicionantes e as normas subjetivas dos falantes; encerramos as discussões levantadas nas “Considerações finais”.

2 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A base teórica deste estudo é a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972), que contempla o uso variável de fenômenos linguísticos em seu contexto social, logo o *locus* da variação é a comunidade de fala. Tal proposta mostra que a língua é dotada de uma heterogeneidade sistemática que pode ser descrita e analisada tomando por base os seguintes problemas empíricos da mudança linguística: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes. O foco de nossa atenção recai, especificamente, sobre os problemas empíricos de restrição e avaliação linguísticas.

O problema de restrição ou problema dos fatores condicionantes dá conta da seguinte questão: qual o conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para as mudanças que venham a ocorrer em uma determinada língua? Para solucionar esse problema, o pesquisador sociolinguista precisa elencar grupos de fatores condicionadores para o fenômeno linguístico variável em análise, tanto linguísticos quanto extralinguísticos. A análise estatística dos dados irá revelar quais variáveis independentes selecionadas serão relevantes para o estudo da mudança em foco e, dessa forma, elencar as condições possíveis para a mudança linguística.

O problema de avaliação, por sua vez, responde a seguinte questão: como as mudanças são avaliadas por seus efeitos nas estruturas linguística e social? Esse problema está relacionado à consciência que os falantes têm sobre as formas da língua e ao poder que sua atitude pode vir a exercer no processo de mudança. Os autores argumentam que se os falantes fazem uma avaliação positiva de uma dada variante linguística, tanto do ponto de vista de seu valor social quanto de sua carga funcional, a mudança em direção a essa forma tende a ser acelerada. Já se os falantes tiverem uma avaliação negativa, é possível que a mudança seja refreada.

Para darmos conta do problema de restrição ou fatores condicionantes, levantamos todas as realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na função de sujeito, a partir de uma amostra composta por 96 entrevistas sociolinguísticas de falantes do sertão alagoano, coletada no ano de 2015 e estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – Analfabetos, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, e utilizamos, para a análise estatística dos dados, o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Para mensurarmos as normas subjetivas dos falantes, a metodologia de trabalho foi dividida em duas etapas: preparação dos estímulos a partir da fala natural de informantes do sertão alagoano e formulação e aplicação do questionário. Na primeira etapa da pesquisa, gravamos a fala de quatro informantes do sertão alagoano – dois homens e duas mulheres – que estavam cursando o ensino superior na UFAL – Campus do Sertão, tomando por base um texto que versava sobre a vida acadêmica dos alunos e que continha a realização de *nós* e *a gente* na função de sujeito. Os áudios possuem, em média, três minutos de gravações e compõem o teste.

Na segunda etapa, elaboramos o instrumento de coleta de dados e coletamos os dados. O questionário foi adaptado de Oushiro (2015), com seis questões como: *para você uma pessoa que fala nós estudamos ou a gente estuda: é formal, é escolarizada, fala bem, fala bonito, mora na área urbana ou na área rural?* As respostas eram dadas por escala gradual de 1 a 5, assim os falantes julgavam 1 para *com certeza não*, 2 para *acho que não*, 3 para *não sei*, 4 para *acho que sim* e 5 para *com certeza*. Participaram do teste 64 informantes, nascidos e criados nas regiões que compõem o sertão de Alagoas, com idades entre 18 e 34 anos e que estavam cursando o ensino superior.

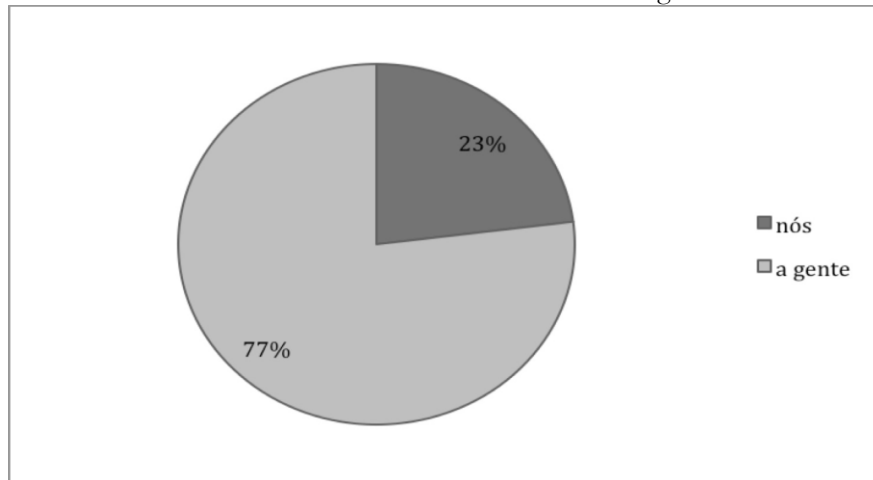
Primeiramente, os informantes preencheram uma ficha social, contendo as seguintes informações: cidade em que nasceu, bairro em que mora, bairro em que morou durante a infância, idade, sexo/gênero e profissão. Em seguida, ouviram os áudios e receberam as instruções a respeito de como responder ao teste e responderam-no, tendo em mente o que acham das formas linguísticas em estudo. Por fim, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram computados no pacote estatístico do R Studio – R Core Team (2017), com a análise descritiva com exploração gráfica para a normalidade e variância dos dados.

3 VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* E O PROBLEMA DE RESTRIÇÃO

Para análise e descrição dos dados, consideramos a realização dos pronomes *nós* e *a gente* na posição de sujeito, como (1) e (2), como variável dependente, e obtivemos, após a rodada dos dados, um total de 843 realizações de *nós* e *a gente* nesse contexto sintático, que estão distribuídas da seguinte forma: 197 realizações do pronome *nós* e 646 realizações do pronome *a gente*. Esses dados não só representam percentuais de 23% de *nós* versus 77% de *a gente*, conforme gráfico 1, como também mostram que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida para representar a 1PP na posição sintática de sujeito entre os falantes do sertão de Alagoas.

- (1) é uma cidade boa né? apesá do: do pôco desenvolvimento né? é bom de morá né? xxx
- xxx falta melhorá aqui fazê escola né? melhorá um pôco né? entrasse greve aí atrapalhô
nóis tudinho né? *nóis* quase perdemo o ano - fazê o que? L35
- (2) *a gente* foi no final do ano com a família passeá e achei muito bom - interessante - passeei
- Ø brincamos muito e adorei. L34

Gráfico 1: Percentuais da 1PP no sertão alagoano



Fonte: elaborado pelas autoras

Esses resultados também vão ao encontro dos estudos da sociolinguística de produção que mostram não só a preferência pelo uso do pronome inovador *a gente*, como também que a sua implementação parece figurar como um processo de mudança em progresso nas variedades do português brasileiro, conforme pontuam Vianna e Lopes (2015). Em relação aos grupos de fatores selecionados como potencialmente relevantes na variação em estudo, três foram considerados estatisticamente significativos pelo programa computacional GoldVARb X, a saber, marca morfêmica, paralelismo formal e escolaridade, por ordem de relevância estatística.

A marca morfêmica foi a primeira variável estatisticamente significativa e foi considerada com intuito de checarmos se as desinências *-mos* ou *zero* que tendem a acompanhar as formas verbais de 1PP condicionam a realização desses pronomes. A partir dos dados analisados, notamos duas possibilidades de concordância verbal com os pronomes *nós* e *a gente*, a saber, *nós* e *a gente* + P3 (morfema zero), como (3) e (4), e *nós* e *a gente* + P4 (morfema *-mos*), como (5) e (6). Nossa hipótese é que *a gente* seja recorrente com o morfema zero, tendo em vista que a forma gramaticalizada tende a apresentar o traço mais formal de terceira pessoa (LOPES, 2004).

(3) não - que eu só ia mais trabaiá o dia todo por semana tinha vez que até dia de domingo *nós trabaiáva* - trabaiáva o final de semana lá L3

(4) e *a gente hoje tem* que ir exemplando dano uma linha L2

(5) É - muito triste assim porque a gente paga impostos é cobrado por tudo isso mas a gente não tem um retorno satisfatório diante do que a gente paga que não é pouco né então era o mínimo que a gente deveria ter era segurança infelizmente por o sistema sê muito corrompido acaba que *a gente não sabemos* se a polícia é está ali realmente pra nos protegê ou se ela tá vinculada com alguma gangue L31

(6) Primeiro essa lei tem que ser mudada né - prime:iro a lei tinha que ser mudada - se não mudasse a lei pra mim não tem jeito - não tem mais jeito - se não tive:: oportunidade de de empre:go - facilitá pra pra quem não tem muitas condições tê um estudo /mais,mas/

/mais,mas/ - como é que se diz - /mais,mas/ escola - /mais,mas/ educação - não temos - nós não temos educação - tudo que é de: de gestão daqui municipal e estadual é uma desgraça

Tabela 1: Realizações da 1PP conforme a marca morfológica

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic./Total	Perc.	PR	Aplic./Total	Perc.	PR
Morfema - zero	49/659	7%	.24	610/659	93%	.76
Morfema - mos	148/184	80%	.98	36/184	20%	.02

Fonte: Elaborada pelas autoras

De acordo com os resultados obtidos, conforme tabela 1, verificamos que enquanto o morfema *-mos* favorece a realização de *nós* – 80% e um peso relativo (doravante PR) de .98, esse fator tende a inibir a realização de *a gente*, que é mais frequente com o verbo na 3PS, apresentando um percentual de 93% e um PR de .76, confirmando a hipótese de que *a gente* é preferencial com P3. Esses resultados também corroboram o padrão de variação encontrado em outras variedades do português brasileiro que mostra que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS e que a marca morfológica que acompanha os pronomes *nós* e *a gente* sujeito é variável.

O paralelismo formal foi a segunda variável estatisticamente significativa e pode ser entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal condiciona os usos das formas subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma. Para a nossa análise, consideramos quatro fatores: realização isolada, como (7); primeiro da série, como (8); antecedido por *nós*, como (9); e antecedido por *a gente*, como (10), e partimos do pressuposto de que *a gente* será mais frequente quanto antecedido por *a gente* na mesma sequência discursiva.

(7) Rapaz aí com relação a isso aí x - é deveria sê melhô pra o imposto que *a gente* paga deveria sê bem melhô - deixa a deixa a desejá tanto a saú::de quanto a educação: a segurança também com relação a isso L5

(8) a vio/ assim que não fo::sse muita violência que *a gente* tá ve::ndo -- tá o tá ve:ndo é tanta violência que a gente a:ve Maria fica tão assim tão triste – tâ::o disgosto:so de vê tanta violência que a gente tá vendo passar -- pelas televisão que a gente vê L17

(9) Rapa::z - (risos) - eu eu fui:: de carro próprio com meu esposo - *nós* - eu não sei assim sou meio perdida pra esses lados de localização - não sei - o caminho e tudo - vamos pra Maragogi? Va::mos L64

(10) Bom - motorista acho que:: pode sê também né? /mais, mas/ é tipo assim - é carro - porque o meu é um caminhão - eu trabalho com caminhão atrás de mercadoria - então é o negocio quando tá difícil de a gente encontrá na roça a gente procura aqui mesmo e quando tem na roça a gente vai L38

Tabela 2: Realizações da 1PP conforme o paralelismo formal

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic./Total	Perc.	PR	Aplic./Total	Perc.	PR
Real. Isolada	46/136	34%	.81	90/136	66%	.19
Primeiro da série	40/172	23%	.70	132/172	77%	.30
Ant. por <i>nós</i>	93/136	68%	.94	43/136	32%	.06
Ant. por <i>a gente</i>	18/399	5%	.13	381/399	95%	.87

Fonte: Elaborada pelas autoras

De acordo com os resultados obtidos, conforme tabela 2, verificamos que enquanto o fator antecedido por *nós* favorece a realização de *nós* – 68% e um PR de .94, esse fator tende a inibir a realização de *a gente*, que é mais frequente no fator antecedido por *a gente*, apresentando um percentual de 95% e um PR de .87, confirmando a nossa hipótese de que *a gente* é mais frequente quando antecedido por *a gente* na mesma sequência discursiva. Esses resultados também vão na mesma direção dos estudos sociolinguísticos que apontam que, nas variedades do português brasileiro, o pronome *a gente* é mais utilizado em situações de paralelismo formal.

A escolaridade foi a terceira e última variável estatisticamente significativa e constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais. Dessa forma, selecionamos essa variável social ao reconhecermos que os níveis de escolaridade dos falantes influenciam na forma como fazem uso da fala e da escrita e consideramos quatro fatores: analfabeto, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Nossa hipótese é de que *a gente* será mais frequente entre as pessoas analfabetas e que cursam o ensino fundamental e médio, mostrando que tal forma será desfavorecida entre os informantes que possuem ensino superior.

Tabela 3: Realizações da 1PP conforme a escolaridade

Fatores	NÓS			A GENTE		
	Aplic./Total	Perc.	PR	Aplic./Total	Perc.	PR
Analfabetos	45/127	35%	.86	82/127	65%	.14
Ens. Fundamental	36/178	20%	.45	142/178	80%	.55
Ensino Médio	57/226	25%	.49	169/226	75%	.51
Ensino Superior	59/312	19%	.34	253/312	81%	.66

Fonte: Elaborada pelas autoras

De acordo com os resultados obtidos, conforme tabela 3, verificamos que o pronome *a gente* é a variante preferida em todos os níveis de escolarização na comunidade de fala do sertão alagoano, mas o seu uso é mais frequente entre os falantes mais

escolarizados – ensino superior – apresentando um percentual de 81% e um PR de .66, ao passo que o pronome *nós* tende a ser mais usado entre os falantes analfabetos do sertão de Alagoas, apresentando um percentual de 35% e um PR de .86, indicando que a escolaridade influencia apenas sutilmente na escolha dessas variantes, o que refuta a nossa hipótese de que os menos escolarizados seriam mais inovadores.

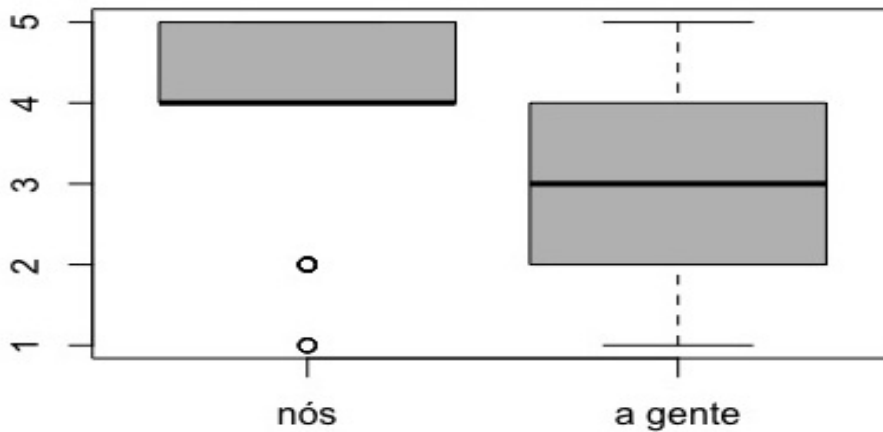
Nossa hipótese para explicar esse contraste com o que dizem os estudos sociolinguísticos referente à correlação mais escolarizado mais uso da variante padrão está relacionada ao contato linguístico que as pessoas de nível superior do sertão alagoano mantém com outras comunidades de fala, tanto pelo contato com outras pessoas pelo meio digital, como também é normal que pessoas com este perfil viagem mais para outras regiões. Outra hipótese também que pode explicar esse resultado é a de que a variante *a gente* parece não ser estigmatizada pelos falantes, por isso as pessoas de nível superior não tendem a se monitorar tanto quanto ao seu uso.

4 VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* E O PROBLEMA DE AVALIAÇÃO

Para mensurarmos o que pensam os falantes sobre realização de *nós* e *a gente* na posição de sujeito, consideramos que o pronome *nós*, como *nós chegamos cedo*, é a variante prestigiada, principalmente entre os falantes mais escolarizados, uma vez que essa é a variante abonada nas fontes institucionais, como gramáticas, livros didáticos e manuais, e a construção de crenças linguísticas é também regidas por instrumentos normativos, mas também acreditamos que não haja estigma quanto ao uso de *a gente*, como *a gente chegou cedo*, tendo em vista que essa variante é bastante recorrente na comunidade, principalmente entre os falantes mais escolarizados.

Diante da pergunta: *para você, uma pessoa que fala nós chegamos cedo ou a gente chegou cedo é formal*, verificamos, conforme gráfico 2 que, enquanto o nível de concordância, para o uso da variante *nós*, está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim, o nível de concordância, para o uso de *a gente*, está entre 2 e 4 com mediana 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, revelando, assim, uma avaliação positiva para o uso da variante conservadora, pois é considerado formal quem faz uso dessa variante, mas um julgamento neutro para o uso da variante inovadora por parte dos falantes universitários do sertão alagoano.

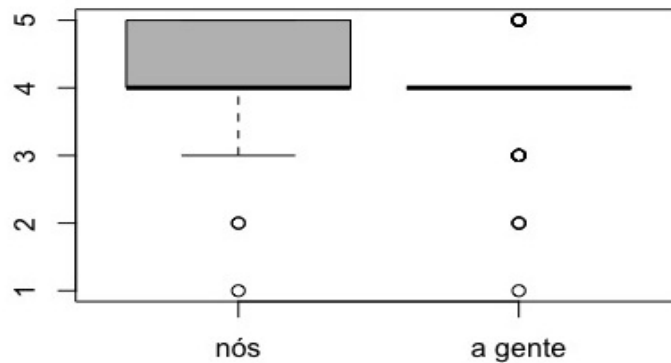
Gráfico 2: Julgamentos da 1PP segundo formalidade



Fonte: Elaborado pelas autoras

Diante da pergunta se a pessoa que usa *nós* ou *a gente* na posição de sujeito é escolarizada, verificamos, conforme gráfico 3, que o nível de concordância, para o uso de *nós*, está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim e valor mínimo de 3 – não sei, ao passo que, para o uso de *a gente*, o nível de concordância concentra-se em 4 – acho que sim, revelando que, tanto para a variante conservadora quanto para a variante inovadora, são escolarizadas as pessoas que a utilizam. Esse julgamento caminha na mesma direção dos dados de produção para o uso de *a gente*, que tende a ser mais utilizado por pessoas mais escolarizadas da comunidade de fala do sertão alagoano.

Gráfico 3: Julgamentos da 1PP segundo escolaridade

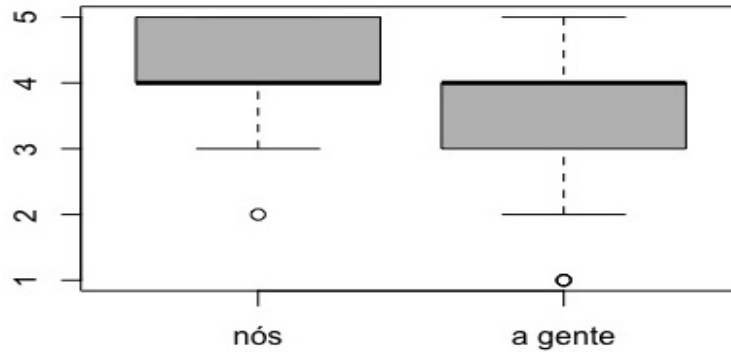


Fonte: Elaborado pelas autoras

Em relação à pergunta se a pessoa que usa *nós* ou *a gente* fala bem, verificamos, conforme gráfico 4, que, para o uso do pronome *nós*, o nível de concordância está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim e valor mínimo de 3 – não sei, ao passo que, para o uso do pronome *a gente*, o nível de concordância está entre 3 e 4 com mediana 4 – acho que sim e valores mínimo e máximo de 2 e 5, respectivamente. Esses resultados sinalizam

que, apesar dos falantes acharem que fala bem a pessoa que usa tanto o *nós estudamos* quanto o *a gente estuda*, o uso da variante conservadora *nós* parece ser melhor avaliado entre os falantes universitários do sertão alagoano.

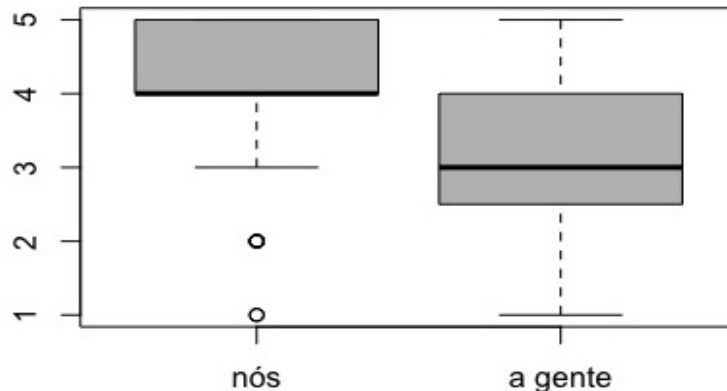
Gráfico 4: Julgamentos da 1PP segundo fala bem



Fonte: Elaborada pelas autoras

Para a pergunta sobre quem usa *nós* ou *a gente* fala bonito, verificamos, conforme gráfico 5, que, para o uso de *nós*, o nível de concordância está entre 4 e 5 com mediana 4 – acho que sim e valor mínimo de 3 – não sei, ao passo que, para o uso de *a gente*, o nível de concordância está entre 2,75 e 4 com mediana 3 – não sei e valores mínimo e máximo de 1 e 5, respectivamente, revelando, assim, para a variante inovadora uma neutralidade para o critério falar bonito, caso que não ocorre para a variante conservadora. Esse julgamento sinaliza que, para os falantes universitários do sertão alagoano, fala bonito quem mais uso de *nós*, como *nós estudamos aqui*.

Gráfico 5: Julgamentos da 1PP segundo fala bonito

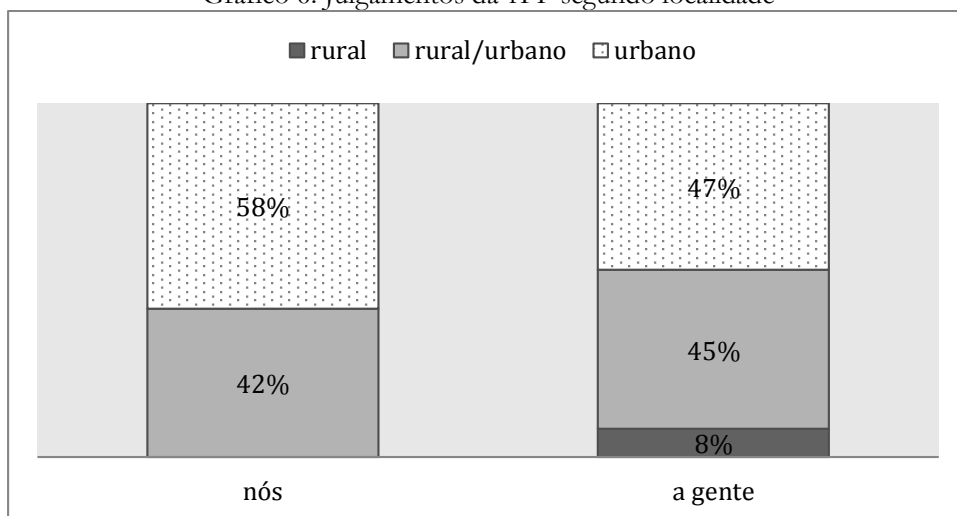


Fonte: Elaborado pelas autoras

Por fim, perguntamos se quem usa *nós* ou *a gente* mora na área rural e/ou na área urbana e verificamos, conforme gráfico 6, que tanto *nós* quanto *a gente* podem ser usados na área urbana e área rural, com percentuais de 42% para *nós* e 45% para *a gente*, mas, em

relação a *nós*, observamos um percentual maior para a área urbana – 58% *versus* 47% para *a gente*, que também é uma variante que ficou restrita à área rural, com um percentual de 8%, caso que não aconteceu com *nós*. Esse julgamento parece contrário aos dados de produção que mostram que *nós* é mais utilizado pelos falantes analfabetos que tendem a residir em áreas rurais do sertão alagoano.

Gráfico 6: Julgamentos da 1PP segundo localidade



Fonte: Elaborado pelas autoras

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos a realização da 1PP sujeito na comunidade do sertão alagoano, tomando por base os problemas de restrição e avaliação linguísticas, conforme Weinreich, Labov, Herzog (1968). De acordo com resultados obtidos, verificamos não só que *a gente* é a variante preferida, sendo mais frequente nos seguintes contextos, a saber, verbo na 3PS, antecedido por *a gente* na mesma sequência discursiva e entre os falantes mais escolarizados, como também que, em contextos de relação simétrica de concordância verbal, tanto *nós* quanto *a gente* são variantes linguísticas bem aceitas na comunidade, mas com uma avaliação mais positiva para o *nós*.

Essas considerações são ainda questões que vêm sendo formuladas e testadas na comunidade em estudo. Logo, julgamos pertinente a aplicação de outros testes de percepção, o que nos permitirá ampliar o diálogo entre estudos de produção e de percepção. No entanto, salientamos a relevância desta pesquisa para a descrição da variação *nós* e *a gente* na posição de sujeito (MARTINS; ABRAÇADO, 2015) e para as discussões acerca do problema empírico da avaliação linguística (FREITAG et al. 2015). Da mesma forma, os resultados a que chegamos somam informações importantes sobre o estatuto da 1PP no sertão alagoano.

REFERÊNCIAS

- FREITAG, R. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. **D.E.L.T.A.**, 32, p. 889-917, 2016.
- FREITAG, R. et al. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização de “português brasileiro”. **Signo y Señá**, n. 28, p. 65-87, 2015.
- LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LOPES, C. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKIMIM, Tânia. (org.). **Para a história do português brasileiro: novos estudos**. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 25-46.
- _____. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.
- MARTINS, M.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.
- OMENA, N. A referencia à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G.; SCHERRE, M. (orgs). **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. p. 286-319.
- _____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, Maria; DUARTE, E. (Orgs.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.
- OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese. Universidade de São Paulo, 2015.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.
- VIANNA, J.; LOPES, C. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In. MARTINS, M.; ABRAÇADO, J.. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VITÓRIO, E. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/AL. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 40, jan/abr, 2017.

_____. **Avaliação social da concordância verbal com a primeira pessoa do plural no sertão alagoano**. Interdisciplinar: Revista em Estudos em Língua e Literatura (a sair).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundations for a theory of language change**. University of Texas Press, 1968.

Recebido em: 05/08/2018
Aprovado em: 23/10/2018
Publicado em: 31/12/2018